

Resenha do Dossiê “Memória e testemunho”, da Revista Literatura e Autoritarismo.

Fernando Simplício dos Santos

Cornelsen, Elcio Loureiro (Org.). Dossiê: “Memória e Testemunho”. *Revista Literatura e Autoritarismo*. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria/RS, n. 16, pp. 1-172, 2016.

Devido a crises políticas, econômicas e culturais, o século XX foi um período de contrastes. Na era da máquina e do progresso, contraditoriamente, alguns pensadores discutem, em seus textos, o motivo pelo qual a humanidade caminha, cada vez mais, para um processo autodestrutivo, fornecendo subsídios para a compreensão de circunstâncias históricas marcadas por degradação, trauma e violência.¹ No contexto nacional contemporâneo, a discussão de tais temas torna-se imprescindível. Em março de 2016, a revista *Literatura e Autoritarismo*,² da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), publicou o dossiê número 16: “Memória e Testemunho”,³ trazendo ao público artigos de pesquisadores de pós-graduação. Nessa edição, os autores de doze trabalhos propõem leituras de produções literárias, de autobiografias, de filmes e de documentos que tratam, por exemplo, de incoerências da Revolução Russa (1917), da ditadura militar brasileira (1964-1985), do Nazismo (1933-1945) e da guerra interna do Peru (1980-2000).

1. Cf., por exemplo, HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do Esclarecimento. Fragmentos filosóficos*. Tradução de G. A. de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985; MARCUSE, Herbert. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Tradução de G. Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1982; MATTÉI, Jean-François. *A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno*. Tradução de I. M. Loureiro. São Paulo: Editora da Unesp, 2002; TRUONG, Jean-Michel. *Totalement inhumaine*. Paris: Seuil, 2001; GINZBURG, Jaime. *Crítica em tempos de violência*. São Paulo: Edusp, 2012. AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha (Homo Sacer III)*. Tradução de S. J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2008. (Estado de Sítio).

2. O décimo sexto dossiê “Memória e Testemunho” está publicado no seguinte endereço eletrônico: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/LA/index>.

3. O link para acessar o site do Grupo de Pesquisa Literatura e Autoritarismo (UFSM) é <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3935747466328535>.

Destacando teorias de Giorgio Agamben, Paul Ricœur, Michel de Certeau, Sigmund Freud, Márcio Seligmann-Silva, Jaime Ginzburg, Phillipe Lejeune, Michel Pollak, Leonor Arfuch, entre outros, o eixo temático das propostas dos textos apresentados no Dossiê permite identificar uma revisão de acepções de trauma e memória, de testemunho e esquecimento, tendo como debate central a violência.

Para facilitar a compreensão geral da Revista, é possível reagrupar seus artigos em quatro blocos distintos: 1) o referente aos seguintes livros da literatura brasileira: *Diário da queda* (2011), de Michel Laub; *Palavras cruzadas* (2015), de Guiomar de Grammont; *Parque industrial* (1933), de Patrícia Galvão; *No exílio* (1948), de Elisa Lispector; *Você vai voltar pra mim e outros contos* (2014), de Bernardo Kucinski; 2) o que apresenta leituras de obras da literatura ocidental, ou seja, de *É isto um homem?* (1947), de Primo Levi, e do capítulo “Confissões de uma bela alma”, publicado em *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister* (1795), de Johann Wolfgang von Goethe; 3) o que propõe a interpretação do filme: *Everything is Illuminated* (2005), de Liev Schreiber; 4) o último bloco ressalta a crítica à violência sob o prisma dos esquecidos ou traz estudos de textos não ficcionais, por meio das avaliações: do dossiê *Direito à verdade e à memória. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos* (2007); do *Diário de Judith Malina: O Living Theatre em Minas Gerais* (2008); *Memórias de um soldado desconhecido. Autobiografia y antropología de la violencia* (2012), de Lurgio Gavilán Sánchez; por fim, *d'A queda do céu* (2011), de Davi Kopenawa e Bruce Albert. Seguindo esta ressystematização dos estudos que compõem o Dossiê: “Memória e Testemunho”, a proposta desta resenha é discutir, brevemente, o modo como os autores dos artigos relacionam, em suas reflexões, objeto, análise e teoria.

Na primeira apreciação sobre obras da literatura brasileira, Alex Keine de Almeida Sebastião examina o romance *Diário da queda*, de Michel Laub.⁴ O autor traz a relação entre memória, trauma e escrita e sugere uma categorização dessa obra no gênero autobiográfico, propondo um arguto exame de componentes narrativos. Por um lado, a aproximação que o pesquisador faz entre forma romanesca e escrita autobiográfica talvez mereça ser mais aprofundada, a fim de explicar com outros detalhes a maneira pela qual essa analogia é constituída na histórica ficcional. Por outro lado, as reflexões de Keine se destacam, por exemplo, no momento em que ele constata que a escrita fragmentada mimetiza parte do funcionamento da memória dos personagens, simulando,

4. LAUB, Michel. *Diário da queda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

por consequência, conflitos eclodidos em suas mentes, ou ao passo que ele observa, na obra, como se estabelece – de geração para geração – a representação da transmissão traumática de lembranças de Auschwitz.

Em seu excelente artigo, Carlos Augusto Carneiro Costa analisa de qual forma, no romance *Palavras cruzadas*, de Guiomar de Grammont,⁵ a ditadura militar brasileira está configurada. Ao tecer uma comparação com outras obras que abordam o tema do autoritarismo, Costa reconhece que a representação em volta do tema da violência, às vezes, é banalizada. Por esse ângulo, é oferecida uma importante leitura da narrativa em pauta, ao verificar que, nela, há uma tentativa de equilibrar (entre militantes e militares; torturadores e torturados) a reponsabilidade propagada pelos estigmas da repressão. Com efeito, num contexto em que se discute o retorno do Estado de exceção, Costa grifa um aspecto de *Palavras cruzadas* que é, no mínimo, problemático. No texto “Para uma crítica da violência”,⁶ Walter Benjamin diz que, ao se justapor ao direito e à justiça, a violência transforma e deturpa questões éticas de primeira instância. No caso da ditadura, há uma dívida para com a sociedade brasileira que nunca poderá ser quitada, sobretudo ao se considerarem as injustiças feitas em nome das “leis” – impostas por um poder autoritário – com o intuito de justificar o injustificável.

Maria Isabel da Silveira Bordini, por sua vez, propõe uma análise que revele o teor testemunhal de *Parque industrial*, de Patrícia Galvão.⁷ O seu propósito é verificar de que modo essa obra de Pagu pode ser interpretada segundo a teoria do *testimonio*, ou seja, concernente a assuntos sobre a memória, em especial recorrentes na América Latina, por meio dos debates a respeito de ditaduras, da dependência econômica, da desmoralização de mulheres etc., enfatizando o testemunho coletivo. Assim, Bordini avalia elementos romanesco para compará-los com biografias de Patrícia e destaca o percurso social, intelectual e político desta que foi considerada, por Augusto de Campos, como “Estrela menor do anedotário modernista”. A avaliação oferecida por Bordini amplia a função *testimonial*, lembrando que esta pode ser encontrada em gêneros variados; não destinada apenas ao molde do *testimonio* tradicional. Em seu texto, Bordini apresenta

5. GRAMMONT, Guiomar de. *Palavras cruzadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

6. BENJAMIN, Walter. “Para uma crítica da violência”. In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. (Org.). *Escritos sobre mito e linguagem* (1915-1921). Tradução de S. K. Lages & E. Chaves. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2011, pp. 121-56.

7. GALVÃO, Patrícia. *Parque industrial*. Rio de Janeiro: José Olympio, [1933] 2006.

referências teóricas bem fundamentadas e faz uma interpretação válida de *Parque industrial*. Seria interessante incluir na sua proposta outras questões referentes à escrita autobiográfica ou pontuar a relação entre elementos internos e externos à obra literária, conforme sugere Antonio Candido, por exemplo.⁸

Patrícia Resende Pereira expõe uma leitura de *No exílio*, de Elisa Lispector,⁹ para investigar como a memória coletiva e o trauma são representados. A sua apreciação está baseada na análise da construção de personagens e refere-se a um evento específico: a fuga de uma família, durante a Revolução Russa (1917), para o Brasil, provocada pela perseguição aos judeus. No que tange à teoria da memória coletiva, Pereira vale-se das considerações de Kessel e de Halbwachs, notando que, no romance, a história do povo judaico é, violentamente, demarcada por ignomínia e sofrimento. No estudo, memória, trauma e esquecimento estão relacionados de modo a ilustrar um tipo de reconciliação impossível de ser instituído. Os argumentos da pesquisadora estão bem organizados. Ainda assim, Pereira deveria explicar de forma mais particularizada como certos conceitos são aplicados no romance *No exílio*.

Encerrando a parte do dossiê voltada para livros de ficção nacional, em seu importante estudo, Joelma Rezende Xavier avalia textos do volume *Você vai voltar pra mim e outros contos*, de Bernardo Kucinski,¹⁰ considerando que, depois das atrocidades do século xx, toda produção cultural pode ser lida sob o prisma do testemunho. A temática geral do livro de Kucinski está direcionada à ditadura militar e à repressão. Em sua análise, ao sublinhar a relação entre testemunho e representação, Xavier revela que a intenção de Kucinski era fazer uma coletânea de contos, de modo a pensar sobre as discrepâncias da ditadura, inclusive sobre o desaparecimento de membros de sua família. Seria apropriado se a autora pontuasse na sua análise uma discussão sobre a estrutura do conto, porque este, de maneira peculiar, está vinculado ao testemunho. Como destaca Ricardo Piglia,¹¹ nos contos, existe a presença de alguém que, embora não possa ser visto, escuta atenciosamente tudo aquilo que lhe é confessado.

8. CANDIDO, Antonio. “Crítica e sociologia”. In: *Literatura e sociedade*. 9ª. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006, pp. 13-25.

9. LISPECTOR, Elisa. *No exílio*. São Paulo: Paz e Terra, [1948] 2014.

10. KUCINSKI, Bernardo. *Você vai voltar pra mim e outros contos*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

11. PIGLIA, Ricardo. *Formas breves*. Tradução de José Mariani Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 101.

No primeiro artigo de textos que tratam da literatura ocidental, Fabrício Paiva Araújo sugere uma leitura de *É isto um homem?*¹² – obra de referência dos estudos a respeito de depoimentos acerca da *Shoah*. O autor averigua de que forma o “muçulmano” (*muselmann*) é visto como um agente fundamental do testemunho. Araújo explica que, entre os prisioneiros do campo de concentração, eram concebidas como “muçulmanas” pessoas que estavam prestes a morrer. O que resta no discurso deste “quase inumano” é válido para representar as vozes daqueles que foram dizimados. Por isso, ele é testemunha integral dos horrores desencadeados em Auschwitz. O texto de Araújo é escrito com referência teórica variada e bem sistematizado. Sua reflexão ficaria mais contundente se aprofundasse o diálogo com outros estudiosos da obra de Levi e diferenciasses as categorias do *Testimonio* (latino-americano) e do “*Zeugnis*”, que, no contexto do nazismo, é atinente à tradição testemunhal.

Luiz Henrique Ernesto Coelho examina, em seu texto, as “Confissões de uma bela alma”, publicado em *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*, de Goethe.¹³ Por meio da análise de uma personagem feminina, a proposta é confrontar conceitos de autobiografia, biografia e ficção e verificar qual a analogia que estes mantêm com o romance de formação – gênero do qual a referida narrativa de Goethe é precursora. Por tal enfoque, Coelho conclui que, embora não siga o formato clássico do gênero, há elementos que permitem dizer que o capítulo do livro goethiano se aproxima da narrativa autobiográfica. Valendo-se de expressiva teoria da autobiografia e do *Bildungsroman*, o texto de Coelho está bem fundamentado e bem escrito. Para uma discussão mais aprofundada, seria preciso talvez propor um debate, ainda que breve, com alguns autores que fazem parte da fortuna crítica de *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*.

No que diz respeito à seção da revista destinada ao exame de um filme, a partir de estudo das categorias memória e esquecimento, Gabriel Canuto Nogueira da Gama analisa *Everything is Illuminated*, de Liev Schreiber.¹⁴ Na esteira teórica de Huyssen, Gama concentra sua ótima leitura na construção do personagem Jonathan Foer, a fim de avaliar como o mundo pós-moderno, apresentando um infinito arsenal de possibilidades imagéticas e discursivas, afeta memórias individuais e coletivas. Interligando, com propriedade,

12. LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, [1947] 1988.

13. GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister*. Tradução de Nicolino Simone Neto. São Paulo: Editora 34, 2006.

14. SCHREIBER, Liev. *Everything is Illuminated*. USA, cor, 2005, 105 min.

o objeto de análise à teoria, Gama nota que o filme exhibe distintas formas de enfrentar um evento traumático, como, por exemplo, por meio do apagamento da identidade, do suicídio como reconciliação do passado e da verdade relacionada ao esquecimento. Segundo Gama, Foer torna-se símbolo de uma nova era, ao rever cânones e trazer à tona testemunhos, bem como reconstruindo ou criticando versões oficiais da história.

No primeiro artigo do grupo de textos da Revista que problematiza a violência sob o prisma dos esquecidos ou trata de estudos de textos não ficcionais, há a apreciação de Breno Mendes. O pesquisador traz uma rica reflexão sobre “Memória, testemunho e escrita da história nos arquivos da ditadura militar brasileira”. Para tanto, Mendes avalia o Dossiê *Direito à verdade e à memória. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*,¹⁵ realçando a função do *Testimonio*. Nessa categoria, é importante observar o aspecto de coletividade em torno da experiência histórica, que, por vezes, é menos traumática (comparada às definições: *Zeugnis* e *Testimony*), porque, no âmbito latino-americano, exige-se mais por justiça.¹⁶ Assim, Mendes analisa depoimentos de ex-presos políticos, não deixando de indagar, entre outras, a situação dos mortos cujos corpos nunca foram encontrados. Um dos destaques de Mendes ocorre ao retomar observações de Michel de Certeau, constatando que é preciso conceber a escrita da história, interligada ao trabalho de luto, como possibilidade de fornecer significado à morte. Em seu artigo, há uma boa simetria entre objeto, teoria e análise, conquanto o conteúdo do dossiê do governo fique às vezes em segundo plano, devido à densa carga de referências em torno do assunto.

Fernanda Cristina Sant’ana Dussel, por seu turno, faz uma apresentação geral do *Diário de Judith Malina*¹⁷ – composto por uma série de textos da atriz, publicados em Minas Gerais, no momento em que ela e membros de seu grupo teatral nova-iorquino ficaram presos no Brasil, durante o regime militar. A ideia específica de Dussel é perscrutar a maneira pela qual, nos escritos de Malina, se estabelecem denúncias ou críticas contra o governo autoritário. A análise da pesquisadora destaca-se no trecho em que discute a importância da releitura do *Diário*, demonstrando a relevância do projeto

15. BRASIL. *Direito à verdade e à memória. Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos Políticos*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007.

16. Cf. SELIGMANN-SILVA, Márcio. “‘Zeugnis’ e ‘Testimonio’: um caso de intraduzibilidade entre conceitos”. *Letras*, n. 22: Literatura e Autoritarismo, Santa Maria, RS, pp. 121-130, jan.-jun. 2001.

17. MALINA, Judith. *Diário de Judith Malina: O Living Theatre em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

artístico de Malina e do grupo *The Living Theatre*, para os quais, obrigatoriamente, as ações artísticas tinham que estar sobrepostas às transformações sociais e indagar determinada relação da arte com o poder. No entanto, ao escrever o *Diário*, Malina não podia tecer uma crítica explícita à ditadura militar. Assim, por conta da censura e da revisão por parte de autoridades do Exército, Dussel faz uma apreciação daquilo que está representado nas “entrelinhas da obra”, considerando o silêncio como estratégia sutil da própria escrita. O artigo sobressairia em outros aspectos se problematizasse, por exemplo, mais as teorias sobre a violência, o testemunho e a autobiografia.

Em seu texto, Lorena Carvalho dos Reis sugere uma interpretação perspicaz de *Memorias de un soldado desconocido. Autobiografía y antropología de la violencia*, de Lurgio Gavilán Sánchez,¹⁸ com intuito de analisar “estratégias de representação de si e da história”. Para tanto, a estudiosa pontua divergências históricas nas quais Gavilán se envolveu, no Peru, entre os anos de 1980 a 2000, estritamente por causa de sua participação no Sendero Luminoso, no Exército e no Convento Franciscano. Reis percebe que, nas *Memorias*, – para relatar cada uma das três fases distintas de sua vida –, há uma forma peculiar de Gavilán narrar e de escrever sobre suas experiências. Por meio de sua tática de composição, o autor se autorrepresenta como: um membro do poder, uma vítima e um sobrevivente; narrador, personagem e protagonista, meditando sobre quem ele era e quem ele poderia ser. Portanto, Reis destaca um projeto que, além de se ater a uma antropologia da violência, traz teorias da “representação de si e da história”, do “sujeito e da vida”, revelando **técnicas de** escrita de Sánchez, sob um ponto de vista diversificado da guerra interna do Peru.

Encerrando as análises do dossiê, há o estudo que Priscila Maria de Barros Borges faz da violência contra os índios no Brasil, lembrando o caso Yanomami. Ao avaliar a obra *A queda do céu*, escrita pelo xamã Davi Kopenawa¹⁹ com a colaboração do antropólogo Bruce Albert, o objetivo da autora do artigo é pensar como a violência desenvolve o poder de silenciar vozes e de ofuscar versões da história daqueles que foram vencidos. Composto a partir de depoimentos coletados entre os nativos e, em especial, de relatos expostos pelo principal autor (Kopenawa: o líder indígena e testemunha de

18. SÁNCHEZ, Lurgio Gavilán. *Memorias de un soldado desconocido. Autobiografía y antropología de la violencia*. México: UIA/IEP, 2012.

19. KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

várias atrocidades cometidas contra seu povo), o livro trata de injustiças sofridas pelos Yanomamis no século passado.

Nessa perspectiva, entre outras situações de degradação, Borges grifa a tentativa de conversão religiosa como um ato de violência; a construção da estrada Perimetral Norte, ou BR-210, na década de 70, a qual, sob o comando dos militares, ocasionou a aniquilação de aldeias que ficavam próximas às obras; a corrida do ouro dos anos 1980, acarretando a profunda destruição de parte do território Yanomami e retirando das tribos bases naturais de sobrevivência. Com boa fundamentação teórica e estrutural, a leitura de Borges aponta para um antigo conflito nacional, pois, no Brasil, em nome da ordem e do progresso, paradoxalmente, houve uma tentativa de “apagar o outro” ou de dizimar os “rastros culturais dos sem vozes”. Felizmente, publicações como *A queda do céu* revelam um questionamento contra a brutalidade que, historicamente, assola a cultura e a sociedade indígena nacionais.

Numa época em que milhares de pessoas pedem, nas ruas, a volta do regime militar (esquecendo-se de imposições, como, por exemplo, do cerceamento dos direitos civis ou da perda dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, desencadeando, entre outras coisas indelévels, a censura da imprensa e de todo tipo de expressão artística), uma teoria crítica contra a violência e seus mecanismos de opressão é mais que necessária. Eis, entre outros motivos, a importância da publicação do dossiê: “Memória e Testemunho”.

Fernando Simplício dos Santos é Professor da Universidade Federal de Rondônia.